

MISSÕES E SINTAXE GREGA EM MATEUS 28.19[†]

Carl J. Bosma*

RESUMO

As maneiras como o texto da Grande Comissão é traduzido e interpretado têm produzido diferentes entendimentos sobre a missão da igreja. Este artigo se propõe a investigar os verbos presentes na famosa passagem, em especial o controvertido particípio *poreuthentes* (“indo”) e o imperativo *matheteusate* (“fazei discípulos”). A pesquisa das posições exegéticas revela quatro atitudes em relação a esses termos: forte ênfase no particípio, traduzido como imperativo (“ide”); maior ênfase em “fazer discípulos”; subordinação plena do “ir” ao “fazer discípulos”, tornando-o quase irrelevante; ênfase igual nos dois conceitos. Por razões teológicas e exegéticas, o autor defende a última posição, procurando demonstrar que “ir” é parte integral do mandamento de fazer discípulos. Ele também destaca duas modificações feitas por Mateus em relação ao texto paralelo de Marcos (“fazei discípulos” em lugar de “pregai o evangelho” e a ênfase no ensino em vez de exorcismos e milagres), argumentando que Mateus estava tentando corrigir uma prática missionária do tipo entusiasta ou carismático, bem como tendências antinomistas. Bosma conclui com algumas considerações missiológicas sobre a América Latina e o Brasil, salientando a importância do discipulado local (“fazei discípulos”, “ensinando”), mas também das missões transculturais (“indo”), especialmente diante da crescente expansão islâmica.

PALAVRAS-CHAVE

Grande Comissão; Evangelho de Mateus; Missão da igreja; Discipulado; Missões transculturais.

[†] Este artigo é a adaptação de um ensaio publicado no *Festschrift* em honra do Dr. Roger S. Greenway, professor emérito de Missões no Calvin Theological Seminary. O autor agradece a Jonathan Luís Hack pela tradução.

* O autor é ministro da Igreja Cristã Reformada (CRC) e professor de Antigo Testamento no Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos.

INTRODUÇÃO

Karl Barth denomina as duas primeiras palavras de Mateus 28.19 (“Ide, portanto”) “o imperativo abrangente”.¹ Sem dúvida, essas enfáticas palavras iniciais da Grande Comissão de nosso Senhor são a principal força motivadora da vida e do ministério de Roger S. Greenway, a quem tenho a honra de dedicar este estudo. Essas poderosas palavras não somente influenciaram os diversos países nos quais ele serviu na obra do reino de Deus, mas também foram o foco de sua pregação, palestras e escritos.

Entre os livros que Greenway organizou, há uma coleção de sermões com ênfase em missões destinados a ajudar os pastores-evangelistas a lembrar à igreja o seu caráter missionário.² Um desses sermões, escrito sobre a Grande Comissão (Mt 28.16-20)³ por Richard De Ridder, um ex-colega de Greenway no que hoje é conhecido como o Sri Lanka, forneceu o ímpeto para este artigo. Nesse sermão, De Ridder critica uma inadequada representação popular da *Carta Magna* das missões: a notória tendência de se concentrar no mandamento “Ide!” e de interpretar geograficamente esse mandamento em apoio às missões estrangeiras.

O sermão de De Ridder levanta uma questão importante para a interpretação da Grande Comissão. Como ele indica, o verbo principal de Mateus 28.19-20a, a saber, o aoristo μαθητεύσατε (“fazer discípulos”), é modificado por três participios: πορευθέντες (aoristo), βαπτίζοντες (presente) e διδάσκοντες (presente). Os problemas surgem quando se tenta especificar o significado e a função desses participios. Este é o caso especialmente com o primeiro participio (πορευθέντες), que precede o verbo principal, porque, como Eduard Schweizer corretamente observa, o grau da ênfase a ser dada a esse participio é objeto de contínuo debate.⁴

Este artigo apresenta sinteticamente os resultados de uma pesquisa em comentários sobre o Evangelho de Mateus e em escritos de estudiosos neo-

¹ BARTH, Karl. An Exegetical Study of Matthew 28.16-20. In: *The Theology of the Christian Mission*. Nova York: McGraw-Hill, 1961, p. 63.

² GREENWAY, Roger S. (Org.). *A World to Win: Preaching World Missions Today*. Grand Rapids: Baker, 1975.

³ David F. Wright (The Great Commission and the Ministry of the World: Reflections Historical and Contemporary on Relations and Priorities, Finlayson Memorial Lecture, 2007, *SBET* 25 [2007], p. 153-157) sugere que foi no fim do século 19 que o termo “A Grande Comissão” “realmente se popularizou e pôde ser usado como uma referência normal a Mateus 28.18-20...”. Para a história da interpretação de Mt 28.19-20 como a Grande Comissão, ver também: BOSCH, David. *Transforming Mission: Paradigm Shifts in Theology of Mission*. American Society of Missiology Series 16. Maryknoll: Orbis Books, 1991, p. 340-341 (publicado em português como *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002), e LUZ, Ulrich. *Matthew 12-28: A Commentary*. Hermeneia. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2005, p. 626-628.

⁴ SCHWEIZER, Eduard. *The Good News according to Matthew*. Atlanta: John Knox, 1975, p. 532.

testamentários e missiólogos, buscando sua interpretação do controvertido particípio aoristo πορευθέντες de Mateus 28.19. Nossa pesquisa irá demonstrar que a interpretação da função sintática desse particípio impactou o conceito de missão da Igreja. O artigo concluirá com uma breve defesa de nossa própria posição e algumas observações exegéticas.

1. PESQUISA DAS POSIÇÕES EXEGÉTICAS

Nossa pesquisa em comentários do Evangelho de Mateus e na literatura acadêmica mostra, em primeiro lugar, que há basicamente quatro posições diferentes a respeito da ênfase que deve ser colocada no particípio aoristo introdutório πορευθέντες em Mateus 28.19. Os representantes da primeira posição enfatizam fortemente a tradução de πορευθέντες como imperativo, a despeito do verbo principal, o imperativo aoristo μαθητεύσατε (“façam discípulos!”). Os advogados da segunda posição tentam corrigir essa ênfase exagerada dando peso especial à ordem de “fazer discípulos” e menos ênfase ao primeiro particípio. Os proponentes da terceira posição minimizam o valor do particípio em questão a ponto de se perder o seu valor de tradução e teológico. Em reação a isso, os defensores da quarta posição tentam restaurar uma visão equilibrada na qual a ênfase permanece na ordem de “fazer discípulos”, mas o particípio “indo” continua uma parte integral do mandamento.

Nossa pesquisa também descobriu cinco explicações diferentes da função sintática do particípio aoristo πορευθέντες no verso 19: 1) como um particípio circunstancial preparatório; 2) como um imperativo paralelo ao verbo principal; 3) como um particípio circunstancial temporal; 4) como um particípio pleonástico; e 5) como um particípio circunstancial preparatório com força imperativa. Além disso, a pesquisa demonstrou que os representantes das quatro posições diferentes no debate usam uma ou mais dessas explicações sintáticas em defesa de sua respectiva posição. Nossa apresentação irá esboçar essas quatro posições em seqüência cronológica, apresentará explicações sobre a função sintática de πορευθέντες e indicará como os missiologistas têm usado essas explicações em seu conceito de missão.

2. AS QUATRO POSIÇÕES

2.1 Forte ênfase no particípio

A primeira posição enfatiza acentuadamente o particípio aoristo πορευθέντες mais do que o verbo principal μαθητεύσατε. Desde a publicação do famoso livreto do sapateiro e pastor inglês William Carey (1761-1834) intitulado *Uma investigação sobre a responsabilidade dos cristãos de utilizar meios para a conversão dos pagãos* (título abreviado),⁵ essa foi e continua a ser a posição

⁵ CAREY, William. *An Enquiry into the Obligations of Christians to use Means for the Conversion of the Heathen*. New facsimile edition. Londres: Carey Kingsgate, 1962.

predominante entre os evangélicos conservadores.⁶ Desde o soar da trombeta de Carey em prol das missões estrangeiras, inúmeros sermões com ênfase em missões têm se concentrado no enfático mandamento “ide” em seu apelo por candidatos a missionários.

Esses sermões são baseados em versões bíblicas de Mateus 28.19 que traduzem o particípio *πορευθέντες* e o verbo principal *μαθητεύσατε* que ele modifica como dois verbos coordenados conectados por “e”. A KJV – Versão do Rei Tiago (“Ide, portanto, e ensinai a todas as nações...”), assim como traduções modernas mais recentes, como a NVI, a NRSV e a TNIV (“Vão e façam discípulos de todas as nações”)⁷ são amostras dessa explicação do relacionamento sintático entre o particípio e o verbo principal.

Uma pesquisa dos comentários apresenta duas explicações da estrutura sintática do particípio aoristo *πορευθέντες* com relação ao verbo principal *μαθητεύσατε*. James Morison⁸ e F. W. Grosheide,⁹ por exemplo, atribuem uma função preparatória para o particípio aoristo *πορευθέντες*. Grosheide nota que os discípulos devem primeiramente “ir” antes de estar em uma posição de “fazer discípulos”.¹⁰ Ele também admite que o ato de ir pode ser concomitante com o ato de fazer discípulos.¹¹ William Hendriksen, contudo, assevera que o particípio pode ser “interpretado como tendo força imperativa”.¹²

Embora Johannes Blauw não explique a função sintática do particípio aoristo *πορευθέντες*, ele é um importante representante desse conceito de missão no século 20, pois enfatiza o “ir”.¹³ Para Blauw, o particípio aoristo

⁶ Ver BIEMA, David Van. Missionaries under cover: Growing number of Evangelicals are trying to spread Christianity in Muslim lands. But is this what the world needs now? *Time* 161 (30/06/2003), p. 39.

⁷ É importante notar que a NIV, a NRSV e a TNIV corrigiram a tradução do verbo principal da KJV de “ensinar” para “fazer discípulos”.

⁸ MORISON, James. *A Practical Commentary on the Gospel according to St. Matthew*. Boston: N. J. Bartlett, 1884, p. 624.

⁹ GROSHEIDE, F. W. *Het Heilige Evangelie volgens Mattheus*. Kommentaar op het Nieuwe Testament. Amsterdã: Bottenburg, 1922, p. 375.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² HENDRIKSEN, William. *The Gospel of Matthew*. New Testament Commentary. Grand Rapids: Baker, 1973, p. 999. Ver COLEMAN, Robert E. *The Master Plan of Evangelism*. Old Tappan: Fleming H. Revell, 1963, p. 108, nota 1. Publicado em português como *O plano mestre de evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, s. d., p. 123, nota 6.

¹³ BLAUW, Johannes. *The Missionary Nature of the Church: A Survey of the Biblical Theology of Mission*. Nova York: McGraw-Hill, 1962, p. 85-86. Publicado em português como *A natureza missionária da igreja*. Trad. Jovelino Pereira Ramos. São Paulo: ASTE, 1966. A paginação é a mesma nesse trecho. Ver também: GREENWAY, Roger S. *Ide e fazei discípulos: uma introdução às missões cristãs*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

πορευθέντες marca, antes de tudo, uma importante mudança na restrição da missão a Israel em Mateus 10.5-8 (Aland 99).¹⁴ Em segundo lugar, ele sublinha a necessidade de “ir”. Blauw escreve:

O fato de esse *participium* ser posto em primeiro lugar (ir a ou após ter ido, *participium aoristi*) põe a ênfase em ir ou viajar. Ter-se-á de ultrapassar os limites de Israel, consciente e intencionalmente, para poder cumprir a ordem. Nesse “ir” está claramente indicada a apostolicidade mundial da Igreja cristã; o fazer discípulos só pode ocorrer no movimento de discípulos de Cristo rumo a todas as nações.¹⁵

Curiosamente, Blauw não faz comentários sobre o verbo principal, o imperativo aoristo μαθητεύσατε.

Uma ênfase similar no “ir” pode ser encontrada em *A Igreja*, de Gerrit C. Berkouwer. Berkouwer afirma que Jesus “ordenou enfaticamente aos discípulos ‘ir adiante’...”.¹⁶ De fato, ele argumenta que “... a essência da Igreja não pode ser pensada à parte daquele movimento peculiar em direção ao exterior, ao mundo”.¹⁷ Em harmonia com Karl Barth, Berkouwer observa que “as riquezas da Igreja não podem ser compreendidas a menos que a Igreja esteja em movimento de ‘ir adiante’, o que Jesus ordenou como ‘o passo mais profundamente necessário’”.¹⁸ Para Berkouwer, esse movimento dinâmico para o exterior pertence à “estrutura essencial [da Igreja] nos últimos dias...”.¹⁹

2.2 Ênfase em “fazer discípulos”

Nos anos 60, entretanto, muitos críticos começaram a levantar suas vozes contra a tradução imperativa de πορευθέντες e contra o conceito predominante e popular de missão da primeira posição. Motivados pela superficialidade do estilo da vida cristã da época, os críticos da tradução imperativa objetam que

¹⁴ BLAUW, *The Missionary Nature of the Church*, p. 85.

¹⁵ *Ibid.*, p. 86. Deve-se enfatizar que na p. 86 Blauw não comenta sobre o verbo aoristo imperativo μαθητεύσατε. Para uma descrição semelhante, ver VERKUYL, Johannes. *Contemporary Mission: An Introduction*. Grand Rapids: Eerdmans, 1978, p. 106-107. Roger E. Hedlund (*The Mission of the Church in the World: A Biblical Theology*, Grand Rapids: Baker, 1991, p. 188), cita Blauw com aprovação.

¹⁶ BERKOUWER, Gerrit C. *The Church*. Studies in Dogmatics. Grand Rapids: Eerdmans, 1976, p. 392.

¹⁷ *Ibid.*, p. 391.

¹⁸ *Ibid.*, p. 394. Ele cita BARTH, Karl. *Church Dogmatics*. Trad. G. W. Bromiley. Edimburgo: T. & T. Clark, 1962, IV 3/2, p. 874. Barth escreve: “Em missão a Igreja se levanta e vai (πορευθέντες, Mt 28.19), dando o passo essencial e mais profundamente necessário diante de si...”

¹⁹ BERKOUWER, *The Church*, p. 392-393.

ela produz uma ênfase exagerada no “ir” a despeito da ordem central do verbo principal – “fazer discípulos”. Como apoio a tal objeção, eles rapidamente apontam para o óbvio, a saber, que um particípio é sempre sintaticamente subordinado ao verbo principal.²⁰ Além disso, notamos que para a tradução “Ide, portanto, fazei discípulos...” se esperaria que Mateus usasse dois imperativos paratáticos em sucessão (e.g., πορεύεσθε οὖν μαθητεύσατε), uma construção sintática que Mateus empregou com o verbo ὑπάγω (= o verbo hebraico דרך) em outros lugares.²¹ De fato, ele a usou na ordem de Jesus às mulheres em Mateus 28.10, ὑπάγετε ἀπαγγείλατε τοῖς ἀδελφοῖς μου. Entretanto, ele não a usou em Mateus 28.19! Aqui ele usou a mesma construção sintática que em Mateus 28.7 (particípio aoristo de πορεύομαι + imperativo aoristo). Por essa razão, arguem os críticos da primeira posição, o particípio πορευθέντες não pode ter força imperativa no verso 19.

Infelizmente, esses críticos não concordam em sua explicação da função sintática desse particípio subordinado. Embora relacionadas, suas interpretações da sintaxe são diferentes.

Alguns dos críticos advogam uma terceira explicação sintática e interpretam πορευθέντες como um particípio circunstancial adverbial. Eles representam a segunda posição, a saber, desejam diminuir a ênfase no “ir” e centralizar a atenção no mandamento abrangente de “fazer discípulos”.

Um representante inicial e importante dessa posição é Robert Duncan Culver. Para apoiar sua objeção à tradução imperativa de πορευθέντες, ele apela para a explicação de R. C. H. Lenski sobre a função sintática desse particípio.²² Em seu comentário de 1932, Lenski rejeita a tradução imperativa e assegura que o particípio aoristo πορευθέντες “é meramente auxiliar do verbo principal: ‘tendo ido, discipulem!’”.²³ Culver adota essa explicação, trata πορευθέντες

²⁰ Para um breve resumo de questões referentes à estrutura sintática, ver BOYER, James L. A Classification of Imperatives: A Statistical Survey. *Grace Theological Journal* 8 (1987), p. 52, n. 40. Boyer opina que a estrutura sintática em questão “tem sido chamada sem exatidão de ‘particípio imperativo’.”

²¹ Ver Mt 5.24; 8.4 (Aland 84); 18.15; 19.21 (Aland 254); 20.14; 21.28; 26.18 (Aland 308); 27.65 e 28.10.

²² CULVER, Robert D. What is the Church’s Commission? *Bibliotheca Sacra* 125 (1968), p. 245 e 251. Culver (p. 243-244) critica sermões com ênfase em missões nos quais as quatro formas verbais de Mt 28.19-20a são usadas como quatro passos distintos e consecutivos no evangelismo. O artigo foi primeiramente publicado no *Bulletin of the Evangelical Theological Society* 10 (1967): 115-126, sob o título What is the Church’s Commission: Some Exegetical Issues in Matthew 28:16-20. Nossas citações vem da *Bibliotheca Sacra*.

²³ LENSKI, R. C. H. *Interpretation of St. Matthew’s Gospel*. Columbus: Lutheran Book Concern, 1932, p. 1152. Ver LEAVELL, Roland G. *Evangelism: Christ’s Imperative Commission*. Nashville: Broadman, 1951, p. 3.

como um participio circunstancial temporal e argumenta a favor da tradução “ao mesmo tempo em que vocês vão”.²⁴

Outros nesse campo também tratam *πορευθέντες* como um participio circunstancial temporal, mas depois argumentam em prol da tradução “quando vocês forem”²⁵ ou mesmo “enquanto vocês estão indo”.²⁶ De Ridder advoga essa posição. Sem citar Culver, ele argumenta em favor da mesma explicação sintática. A respeito de *πορευθέντες*, ele escreve: “‘tendo ido’, no sentido de ‘quando vocês forem’”.²⁷ Assim como outros proponentes dessa posição, De Ridder também usa seu entendimento da sintaxe para criticar “a popular interpretação errônea” do mandamento do Senhor ressurreto e a ênfase de Blauw em “ir”.²⁸ Em seu sermão sobre Mateus 28.18-20, De Ridder afirma:

Tem havido bastante incompreensão desse mandamento de Cristo. Não raro a ênfase é colocada em “ir” como o assunto central da comissão, em vez de em “fazer discípulos”. Quando isto acontece, o simples “indo por todo o mundo” é considerado o cumprimento da exigência de Cristo. Obviamente nem todos podem ir nesse sentido. Jesus, contudo, nos diz: “Onde quer que você esteja, aonde quer que você vá, faça discípulos!”²⁹

²⁴ CULVER, What is the Church’s Mission?, p. 245, 251 e 253. Ver LEAVELL, *Evangelism*, p. 3; DE RIDDER, *The Great Commission*, p. 45; LA GRAND, James. *The Earliest Christian Mission to “All Nations” in the Light of Matthew’s Gospel*. International Studies in Formative Christianity and Judaism 1. Atlanta: Scholars, 1995, p. 239; SHORE, Mary Hinkle. *Preaching Mission: Call and Promise in Matthew 28:16-20*. *Word & World* 26 (2006), p. 325; KRENTZ, Edgar. “Make Disciples” – Matthew on Evangelism, *CTM* 33 (2006), p. 29.

²⁵ DE RIDDER, Richard. *The dispersion of the people of God: the covenant basis of Matthew 28:18-20 against the background of Jewish, pre-Christian proselytizing and diaspora, and the apostleship of Jesus Christ*. Dissertação de Th.D. Universidade Livre de Amsterdã. Kampen: Kok, 1971, p. 184.

²⁶ ZUCK, Roy B. Greek Words for “Teach”. *Bibliotheca Sacra* 122 (1965), p. 163. A tradução proposta por Zuck requer um participio presente. Para enfatizar a ação durativa do “ir”, o aoristo participio *πορευθέντες* é identificado de forma errada em *Perspectives on the World Christian Movement: A Study Guide* (Pasadena: William Carey Library, 1995), p. 3, como um participio presente! Para o mesmo erro, ver KRENTZ, “Make Disciples”, p. 29. Conforme Krentz, Mateus usou o mesmo participio de Mt 28.19 em Mt 10.7. Todavia, em Mt 10.7 encontra-se um participio presente (*πορευόμενοι*), não um aoristo como em Mateus 28.19.

²⁷ DE RIDDER, *The Dispersion of the People of God*, p. 184.

²⁸ Ibid.

²⁹ DE RIDDER, *The Great Commission*, p. 45. Embora De Ridder minimize a importância do “indo”, chamamos a atenção para o fato de que em sua dissertação ele ainda concorda com Friedrich Hauck e Siegfried Schultz no sentido de que o verbo *πορεύομαι* “significa ‘ir para’ um tarefa ou objetivo” (HAUCK, Friedrich; SCHULTZ, Siegfried, *s.v. πορεύομαι*, TDNT 6:573) e que *πορεύομαι* é um termo técnico para o mandamento missionário. Ver HAUCK e SCHULTZ, *s.v. πορεύομαι*, TDNT 6:575. Cf. HAHN, Ferdinand, *Mission in the New Testament*. Studies in Biblical Theology 47. Naperville: Alec R.

Outro missiologista que defende a segunda posição, David J. Hesselgrave, também critica o conceito de missão que enfatiza o “ir”,³⁰ rejeitando-o como uma “má representação simplista”³¹ e optando pela explicação de Culver sobre a sintaxe.³²

Embora os proponentes da segunda posição estejam obviamente corretos em argumentar que πορευθέντες é um particípio circunstancial temporal, uma reflexão posterior sugere que essa interpretação engloba pelo menos quatro problemas. Primeiramente, como aponta Daniel B. Wallace, “tornar πορευθέντες em um particípio adverbial é tornar a Grande Comissão na Grande Sugestão!”.³³ Em segundo lugar, contra Culver e em concordância com Cleon Rogers,³⁴ Donald A. Carson afirma que particípios circunstanciais dependentes de imperativos “normalmente ganham alguma força imperativa”.³⁵ Em terceiro lugar, Carson também acha difícil crer que o particípio aoristo πορευθέντες tenha perdido toda força imperativa em um contexto que exige um ministério a todas as nações.³⁶ Em quarto lugar, se Mateus tivesse desejado expressar uma ação temporalmente simultânea sem força imperativa no sentido de “enquanto vocês vão” ou “ao irem”, o comissionamento de Jesus aos doze para pregar o reino em Israel (Mt 10.5-16; Aland 99) sugere que Mateus teria usado o particípio presente. Em Mateus 10.7 lemos: πορευόμενοι δὲ κηρύσσετε – “À medida que seguides, pregai...”.³⁷

Allenson, 1965, p. 16, n. 1; ZUMSTEIN, Jean. *La condition du croyant dans l'évangile selon Matthieu*. Fribourg: Editions Universitaires, 1977, p. 99; MATTHEY, Jacques. The Great Commission according to Matthew. *International Review of Missions* 69 (1980), p. 167.

³⁰ HESSELGRAVE, David J. Confusion Concerning the Great Commission. *Evangelical Missions Quarterly* 15 (1979), p. 199. Ver GLASSER, Arthur F. et al. *Announcing the Kingdom: The Story of God's Mission in the Bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003, p. 234.

³¹ HESSELGRAVE, Confusion, p. 199.

³² Ibid., p. 200 e 204, n. 8.

³³ WALLACE, Daniel B. *Greek Grammar beyond the Basics: An Exegetical Syntax of the New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1996, p. 645.

³⁴ ROGERS, Cleon. The Great Commission. *Bibliotheca Sacra* 130 (1973), p. 261.

³⁵ CARSON, Donald A. Matthew 13-28, em *The Expositor's Bible Commentary* (Frank E. Gabelein, ed.; Grand Rapids: Zondervan, 1984), p. 595. De certa forma, KÖSTENBERGER, Andreas J. e O'BRIEN, Peter T. *Salvation to the Ends of the Earth: A Biblical Theology of Mission*. New Studies in Biblical Theology 11. Downers Grove: InterVarsity Press, 2001, p. 104, n. 66, concordam com Carson.

³⁶ CARSON, Matthew 13-28, p. 595.

³⁷ Ver Mt 10.12 (εἰσερχόμενοι δὲ εἰς τὴν οἰκίαν ἀσπάσασθε αὐτήν – “Ao entrares na casa, saudai-a”).

2.3 Subordinação do “ir” ao “fazer discípulos”

Outros comentaristas,³⁸ eruditos neotestamentários³⁹ e estudiosos da Grande Comissão⁴⁰ que rejeitam qualquer força imperativa para o particípio aoristo πορευθέντες em Mateus 28.19a defendem a terceira posição, na qual o “ir” é fortemente subordinado ao verbo principal “fazer discípulos”. Eles concentram toda a atenção no mandamento de “fazer discípulos”, de forma que, como mostraremos adiante, para efeitos práticos o “ir” desaparece.

Os representantes dessa posição preferem a quarta explicação da sintaxe de πορευθέντες, conforme a qual o uso do particípio aoristo nesse verso é outro exemplo do frequente uso pelo autor do particípio aoristo de πορεύομαι como um particípio pleonástico semítico. De acordo com BDAG, particípios pleonásticos são usados para “tornar viva a narrativa” e “a idéia de ir ou viajar não é enfatizada”.⁴¹

Embora BDAG não liste Mateus 28.19a nessa categoria de significado,⁴² nem, quanto a isso, seu paralelo em Marcos 16.16 (Aland 359), mesmo assim Bruce J. Malina defende essa posição num artigo estimulante e muito influente.⁴³ Ele argumenta que o particípio πορευθέντες não pode ter força imperativa porque “não tem objeto e, portanto, não compartilha a ação total” do verbo prin-

³⁸ GAECHTER, Paul. *Das Matthäus Evangelium: ein Kommentar*. Innsbruck: Tyrolia, 1963, p. 965.

³⁹ STRECKER, Georg. *Der Weg der Gerechtigkeit, Untersuchungen zur Theologie des Matthäus* (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1962), p. 209, n. 4; BAUMBACH, Günther. Die Mission im Matthäus-Evangelium. *Theologische Literaturzeitung* 92 (1967), p. 890, n. 15; MALINA, Bruce J. The Literary Structure and Form of Matt. XXVIII.16-20. *NTS* 17 (1970), p. 90; O'BRIEN, Peter T. The Great Commission of Matthew 28:18-20 – A Missionary Mandate or Not? *Evangelical Review of Theology* 2 (1978), p. 261 (artigo publicado antes no *Reformed Theological Review* 35 (1976): 66-71); KINGSBURY, Jack Dean. The Composition and Christology of Matt 28:16-20, *JBL* 93 (1974), p. 576.

⁴⁰ BANKS, William L. *In Search of the Great Commission*. Chicago: Moody, 1991, p. 72-73; LEGRAND, Lucien. *Unity and Plurality: Mission in the Bible*. Maryknoll: Orbis, 1990, p. 79; NISSEN, Johannes. *New Testament and Mission: Historical and Hermeneutical Perspectives*. Nova York: Peter Lang, 1999, p. 22.

⁴¹ BDAG, s.v. πορεύω, #1, 853. BDAG lista os seguintes textos de Mateus: 9.13; 11.4; 18.12; 21.6; 22.15; 25.16; 27.66 e 28.7. Para uma ampla discussão de particípios pleonásticos, ver TURNER, Nigel. *Syntax*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1963, p. 154-157, vol. 3 de MOULTON, James Hope. *A Grammar of New Testament Greek*.

⁴² Em uma publicação posterior, *The Greater Commission: A Theology for World Missions* (Chicago: Moody, 1984), p. 150, Culver também apela a BAGD para o caráter pleonástico do particípio πορευθέντες. Contudo, ele admite que Mt 28.19 não está listado em BAGD.

⁴³ MALINA, Structure and Form, p. 87-103. Sua posição é seguida por O'BRIEN, The Great Commission of Matthew 28:18-20, p. 254-267; e HENDRICKX, Herman. *Resurrection Narratives of the Synoptic Gospels*. Studies in the Synoptic Gospels. Londres: Geoffrey Chapman, 1978, p. 56. Por motivos teológicos, Terence L. Donaldson (*Jesus on the Mountain: A Study in Matthean Theology*, JSNTSup 8; Sheffield: JSOT Press, 1985, p. 184) também adota essa posição. Ver adiante.

cial, o imperativo aoristo μαθητεύσατε.⁴⁴ Por essa razão ele enfatiza a natureza auxiliar do particípio πορευθέντες.⁴⁵ Dessa forma, o particípio πορευθέντες “simplesmente serve para reforçar a ação do verbo principal”.⁴⁶ Para apoiar sua afirmação, Malina cita Matthew Black⁴⁷: “Ao enfatizar o verbo principal, nenhuma idéia de ‘ir’ precisa estar presente”.⁴⁸ Por ter o particípio πορευθέντες apenas uma função auxiliar, Malina sugere que ele talvez devesse ser deixado sem tradução.⁴⁹ De fato, Paul Gaechter não traduz o particípio.⁵⁰

Malina e Peter T. O’Brien, que basicamente segue a explicação sintática de Malina, estão cientes do fato de que essa interpretação da função sintática de πορευθέντες tem importantes implicações para o conceito de missão. Eles reconhecem que isto muda completamente a ênfase de “ir” para “fazer discípulos”. O’Brien, por exemplo, escreve:

Se “ir” não é enfatizado e “fazer discípulos” recebe a proeminência, então claramente isto se refere aos cristãos em geral. O termo “comissão *missionária*” ou “mandato *missionário*” limita sem necessidade o significado da frase. O termo “Grande Comissão” é apropriado, desde que entendido como uma referência a levar homens e mulheres a se submeterem a Jesus como Senhor, a se tornarem seus discípulos, *onde quer que se encontrem*.⁵¹

Como fica evidente a partir da citação acima, para O’Brien o particípio πορευθέντες ainda tem uma função semelhante à da interpretação de De Ridder. Contudo, Malina parece eliminar completamente esse aspecto. Ele escreve: “O mandamento não é ‘apostólico’, isto é, ninguém é *enviado*; o mandamento é

⁴⁴ MALINA, *Structure and Form*, p. 90.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 91.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 90. Cf. O’BRIEN, *The Great Commission of Matthew 28:18-20*, p. 261.

⁴⁷ BLACK, Matthew. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. 3 ed. Oxford: Clarendon, 1967, p. 126. Deve-se enfatizar, entretanto, que Black faz esse comentário com respeito ao verbo grego depoente ἔρχομαι. Black não lista exemplo algum do verbo πορεύομαι!

⁴⁸ MALINA, *Structure and Form*, p. 90.

⁴⁹ *Ibid.* O’Brien (*The Great Commission of Matthew 28:18-20*, p. 261) também admite a possibilidade. Ele aponta para LAMBDIN, Thomas O. *Introduction to Biblical Hebrew*. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1971, p. 238-239 (publicado em português como *Gramática do hebraico bíblico*, São Paulo: Paulus, 2003, p. 286-287), e GESENIUS-KAUTZSCH-COWLEY. *Hebrew Grammar*. 2 ed. Oxford: At the Clarendon Press, 1910, §120. Note-se, contudo, que Lambdin §173 descreve o uso de hendiade verbal, que normalmente emprega dois verbos finitos. Além disso, GKC §120g se refere a um uso semelhante de וַיֵּלֶךְ e וַיֵּלֶךְ antes de verbos de movimento ou ação. Nesse caso, argumenta Lambdin no §123 (cf. §173), o verbo וַיֵּלֶךְ “é mais ou menos um convite ou incitação para a ação, como o português ‘Vamos’”. Lambdin afirma que, nesses casos, o verbo “freqüentemente pode ser omitido na tradução”.

⁵⁰ GAECHTER, *Matthäus*, p. 965.

⁵¹ O’BRIEN, *The Great Commission*, p. 261.

antes uma comissão para formar discípulos”.⁵² Portanto, na exposição de Malina sobre Mateus 28.19 toda a ênfase recai sobre “fazer discípulos”. Com base nesse entendimento, ele então conclui seu artigo com dois comentários práticos. Primeiramente, para Mateus “o cristão ideal é por definição o discípulo ideal”.⁵³ Em segundo lugar, “discipulado inclui tornar outros em discípulos”.⁵⁴

David J. Bosch é um destacado missiologista da terceira posição,⁵⁵ e nos seus escritos é claramente evidente a influência da posição de Malina acerca de Mateus 28.19.⁵⁶ Como De Ridder, Bosch também critica o conceito peculiar de missão baseado na primeira visão e critica a afirmação de Blauw citada acima.⁵⁷ Para apoiar suas objeções à tradução imperativa de *πορευθέντες*, Bosch primeiramente rejeita a classificação de Mateus 28.16-20 por Benjamin Jerome Hubbard como uma cena de comissionamento, uma vez que Hubbard afirma que o imperativo “ir” é característico desse gênero literário.⁵⁸ Em seguida, ele apela para a explicação de Adolf Schlatter sobre a seqüência verbal em Mateus 1.24: *ἔγερθεῖς ... ἐποίησεν*.⁵⁹ De acordo com Schlatter, “quando duas ações estão conectadas em um evento, Mateus usa para a ação preparatória o particípio aoristo antes do aoristo do verbo principal”.⁶⁰ É compreensível que Bosch infira disto que, para todos os efeitos práticos, haja apenas uma ação.⁶¹ Além disso, ele concorda com O’Brien no sentido de que o particípio aoristo

⁵² MALINA, Structure and Form, p. 96.

⁵³ MALINA, Structure and Form, p. 103.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Finkbeiner (An Examination, p. 24-25) erroneamente considera a posição de Bosch representativa da quinta explicação sintática em nosso sistema de classificação.

⁵⁶ BOSCH, David J. The Why and How of a True Biblical Foundation for Mission. In: *Zending op Weg naar de Toekomst: Essays aangeboden aan Prof. Dr. J. Verkuyl ter gelegenheid van zijn afscheid als hooglelaar in de missiologie en evangelistiek aan de Faculteit der Godgeleerdheid van de Vrije Universiteit te Amsterdam* (Kampen: Kok, 1978), p. 43; idem, The Structure of Mission: An Exposition of Matthew 28:16-20. In: SHENK, Wilbert R. (Org.). *Exploring Church Growth*. Grand Rapids: Eerdmans, 1983, p. 230; idem, *Transforming Mission*, p. 66.

⁵⁷ BOSCH, The Structure of Mission, p. 299.

⁵⁸ Ibid. Cf. HUBBARD, Benjamin Jerome. *The Matthean Redaction of a Primitive Apostolic Commission: An Exegesis of Matthew 28:16-20*. Society of Biblical Literature and Scholar’s Press Dissertation Series 19. Missoula: Scholars, 1976, p. 67, 83-84.

⁵⁹ BOSCH, The Structure of Mission, p. 229.

⁶⁰ SCHLATTER, Adolf. *Der Evangelist Matthäus: Seine Sprache, sein Ziel, seine Selbständigkeit*. Stuttgart: Calwer Verlag, 1957, p. 23.

⁶¹ Cf. CARRIKER, Timóteo, *Missão integral: uma teologia bíblica* (São Paulo: SEPAL, 1992), p. 193, que certamente faz tal afirmação explicitamente: “Desta forma os dois se referem a um só evento, o primeiro (‘ir’) servindo como reforço à ação do verbo principal e acrescentando uma nota de urgência. Assim se traduz ‘vá fazer discípulos’”.

πορευθέντες é um particípio pleonástico.⁶² Finalmente, ele também concorda com Rogers que o particípio aoristo πορευθέντες adiciona uma nota de urgência ao mandamento central.⁶³ A anuência de Bosch com Rogers⁶⁴ é curiosa porque, como veremos adiante, Rogers argumenta a favor da força imperativa do particípio πορευθέντες.

Bosch argumenta corretamente que essa compreensão da sintaxe resulta num conceito diferente de missões.⁶⁵ Dessa maneira, “a missão então perde sua preocupação com o componente geográfico e se torna missão em seis continentes”.⁶⁶ Além disso, ele também salienta que esse novo conceito de missão mudou a ênfase prioritariamente para missões nacionais.⁶⁷

Algumas dessas mudanças de ênfase provavelmente foram necessárias há muito tempo, especialmente a ênfase de Malina no discipulado ao nível da congregação local. Cada pessoa deve alcançar outra pessoa! Ou, nas palavras de Carson, “todos os discípulos de Jesus devem fazer de outros o que eles mesmos são – discípulos de Jesus”.⁶⁸ Por esse corretivo, então, podemos estar gratos. Entretanto, consideramos que essa mudança de ênfase também gera um grande perigo. Por exemplo, a excessiva subordinação do particípio aoristo πορευθέντες resultou em seu completo desaparecimento da descrição de Bosch sobre a Grande Comissão em seu livro *Missão Transformadora*. Ele escreve: “Três termos na ‘Grande Comissão’ resumem a essência da missão para Mateus: fazer discípulos, batizar, ensinar”.⁶⁹ As implicações práticas dessa signi-

⁶² BOSCH, *The Why and How*, p. 43; idem, *The Structure of Mission: An Exposition of Matthew 28:16-20*, p. 230. Nesse último texto, Bosch também apela para Georg Strecker (*Der Weg der Gerechtigkeit*, p. 209), Baumbach (*Die Mission im Matthäus-Evangelium*, p. 890) e Kingsbury (*The Composition and Christology of Matthew 28:16-20*, p. 576). Em conexão com o apelo de Bosch a Baumbach, deve-se notar que para este (*Die Mission*, p. 890) o verbo πορεύομαι ainda tem peso. Conforme Baumbach, esse verbo caracteriza o discipulado como estando a caminho.

⁶³ BOSCH, *The Structure of Mission*, p. 229. Ver também STEUERNAGEL, Valdir R. *A Grande Comissão: vamos lê-la de novo!* In: *A missão da Igreja: uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio*. Belo Horizonte: Missão, 1994, p. 81.

⁶⁴ ROGERS, Cleon. *The Great Commission*. *Bibliotheca Sacra* 130 (1973), p. 261.

⁶⁵ BOSCH, *The Structure of Mission*, p. 230.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ CARSON, *Matthew 13-28*, p. 596.

⁶⁹ BOSCH, *Transforming Mission*, p. 66. Deve-se salientar, entretanto, que em seu artigo dedicado a Verkuyl (*The Why and How*, p. 36) Bosch usa linguagem similar a Blauw ao concordar que devem ser cruzadas fronteiras. Mas ele redefine e expande as fronteiras para incluir as barreiras ideológica, cultural, religiosa, social, econômica e étnica. Ele então redefine missão como “a totalidade da tarefa que Deus enviou sua igreja para realizar no mundo” (p. 36). Para uma omissão semelhante, ver primeiramente SENIOR, Donald e STUHLMEULLER, Carroll. *The Biblical Foundations for Missions*. Maryknoll: Orbis Books, 1984, p. 252 (publicado em português como *Os fundamentos bíblicos da missão*. São Paulo:

ficativa omissão na síntese de Bosch são claramente articuladas na afirmação de Bryant L. Myers. Ele admite que o modelo “Vá e pregue” de testemunho cristão talvez seja apropriado para a igreja ou uma agência missionária, mas rejeita esse modelo para uma agência cristã de assistência social. Ele escreve: “Já que nós não usamos estratégias do tipo ‘vá e pregue’, devemos fazer o possível para evitar um evangelismo ‘vá e pregue’”.⁷⁰ Estamos convencidos de que essa significativa mudança de ênfase justifica o destaque dado a grandes estruturas de “ir” nas igrejas norte-americanas. Por sua vez, essas estruturas são exportadas como modelos de crescimento de igreja por agências missionárias internacionais sediadas nos Estados Unidos.

2.4 “Indo” e “fazendo discípulos”

Compreensivelmente, certo número de estudiosos neotestamentários,⁷¹ comentaristas bíblicos⁷² e missionários⁷³ temem que os proponentes da segunda e da terceira posições tenham subordinado o particípio aoristo πορευθέντες a ponto de ele ter se tornado um auxiliar sem significado. Por um lado, eles concordam com os defensores da segunda e da terceira posições no sentido de que a maior ênfase da Grande Comissão repousa no imperativo aoristo μαθητεύσατε em Mateus 28.19-20a e que, portanto, esse verbo deveria receber a ênfase principal. Mesmo assim, em nítido contraste com os defensores da segunda e da terceira posições, eles argumentam que o particípio aoristo πορευθέντες constitui uma parte integral de fazer discípulos.

Paulinas, 1987, p. 344). Eles não citam o particípio aoristo πορευθέντες como um dos componentes principais de Mt 28.18-20. Ver também GUDER, Darrell L. *The Continuing Conversion of the Church*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000. Na p. 81 ele cita Mt 28.18 e 20, mas não o verso 19. Essa omissão provavelmente é baseada em sua anuência (p. 53) com a afirmação de George R. Hunsberger (Is There Biblical Warrant for Evangelism? *Interpretation* 48 [1984], p. 135) de que “nos relatos das palavras finais de Jesus nos evangelhos e em Atos devemos ver não um mandamento para as igrejas primitivas obedecerem, mas uma afirmação do que elas se viam fazendo”. De acordo com Hunsberger, “esses textos são ‘garantias de evangelização’, não uma ‘grande comissão’”.

⁷⁰ MYERS, Bryant L. *Walking with the Poor: Principles and Practices of Transformation Development*. Nova York: Orbis Books, 1999, p. 209. Devo essa referência ao meu colega Pieter C. Tuit.

⁷¹ FRIEDRICH, Gerhard. Die formale Struktur von Mt 28,18-20, *ZTK* 80 (1983): 137-183; FINKBEINER, Douglas, An Examination of “Make Disciples of All Nations” in Matthew 28:18-20, *Calvary Baptist Theological Journal* (1991): 23-25, 37; KIRSCHNER, Estevan, Mateus 28.18-20: missão conforme Jesus Cristo, *Vox Scripturae* 6 (1996): 33-48.

⁷² BRUNER, Frederick Dale, *Matthew: A Commentary* (2 vols.; Dallas: Word, 1990), 2:1096; MORRIS, Leon, *The Gospel According to Matthew* (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 746, n. 30; BLOMBERG, Craig L., *Matthew* (NAC; Nashville: Broadman Press, 2001), p. 431; HAGNER, Donald A., *Matthew 14-28* (WBC 33B; Dallas: Word, 1995), p. 886; KEENER, Craig S., *Matthew* (New Testament Commentary Series; Downers: InterVarsity Press, 1997), p. 400-401; idem, *A Commentary on the Gospel of Matthew* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 718-719.

⁷³ FILBECK, David. *Yes, God of the Gentiles, Too: The Missionary Message of the Old Testament*. Wheaton: Billy Graham Center, Wheaton College, 1994, p. 191-192.

Essa reação constitui a mais recente quarta posição. Os advogados dessa posição apelam para duas explicações relacionadas, embora diferentes, da função sintática de πορευθέντες. De fato, essas interpretações da sintaxe são semelhantes às duas explicações descritas sob a primeira posição. Mesmo assim, tais interpretações são diferentes porque estão baseadas em uma nova evidência de apoio com maior peso.

A primeira explicação interpreta o particípio aoristo πορευθέντες como um particípio circunstancial com força imperativa.⁷⁴ Este argumento foi primeiramente articulado por Cleon Rogers em um artigo muito influente escrito em resposta ao ensaio de Culver.⁷⁵ Contra Culver, Rogers primeiramente chama a atenção para o fato de que, como Schlatter já tinha apontado em 1948, Mateus frequentemente coloca um particípio aoristo antes do aoristo do verbo principal.⁷⁶ Em seguida ele postula que o particípio aoristo adquire força imperativa naquelas instâncias em que o particípio precede um verbo imperativo aoristo.⁷⁷ Em apoio a esse postulado ele demonstra, antes de mais nada, que a Septuaginta ocasionalmente emprega o particípio aoristo para traduzir verbos imperativos no texto hebraico.⁷⁸ Um exemplo interessante é a ordem de Rebeca a Jacó em Gn 27.13 (LXX), na qual πορευθείς traduz תֵּלֵךְ (TM). Rogers mostra, a seguir, que Mateus frequentemente emprega particípios aoristos em conjunto com imperativos aoristos.⁷⁹ Com base na evidência advinda da Septuaginta, Rogers então argumenta persuasivamente que nesses exemplos de Mateus os particípios aoristos também têm força imperativa.⁸⁰

⁷⁴ WALLACE, *Greek Grammar beyond the Basics*, p. 645. Para sua crítica da tradução “tendo ido”, ver p. 642, n. 71.

⁷⁵ ROGERS, Cleon, *The Great Commission*, *Bibliotheca Sacra* 130 (1973): 258-267. O argumento de Rogers recebeu a aprovação de um gramático do NT, WALLACE, *Greek Grammar Beyond the Basics*, 645; CARSON, “Matthew 13-28”, 595; FINKBEINER, “An Examination”, 37, n. 71; KEENER, *Matthew*, 400-401; idem, *A Commentary on the Gospel of Matthew*, 718-719; GENTRY JR., Kenneth L., *The Greatness of the Great Commission: The Christian Enterprise in a Fallen World* (Tyler: Institute for Christian Economics, 1990), p. 46, n. 23; MENNINGER, Richard E., *Israel and the Church in the Gospel of Matthew* (Series VII; Theology and Religion 162; Nova Iorque: Peter Lang, 1994), p. 41.

⁷⁶ ROGERS, *The Great Commission*, p. 260, n. 7. Em sua publicação posterior, *A Greater Commission*, p. 151-152, Culver responde ao artigo de Rogers afirmando que não ficou convencido.

⁷⁷ ROGERS, *The Great Commission*, p. 260.

⁷⁸ Ibid. Cf. Gn 27.13; 37.14; 43.2; Ex 5.18; 12.32; 2Rs 2.16; 1Mac 7.7.

⁷⁹ ROGERS, *The Great Commission*, p. 260-261. Cf. Mt 2.8, 13, 20; 5.24 (καὶ τότε ἐλθὼν πρόσφερε τὸ δῶρόν σου); 9.13 (πορευθέντες δὲ μάθετε); 11.4//Lc 7.22 (πορευθέντες ἀπαγγείλατε); 17.27 (πορευθεὶς εἰς θάλασσαν βάλε ἄγκιστρον... ἐκεῖνον λαβὼν δὸς αὐτοῖς); 21.2//Lc 19.30 (λύσαντες ἀγάγετέ μοι); 28.7 (καὶ ταχὺ πορευθεῖσαι εἶπατε τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ). Para outros exemplos no NT, ver FANNING, Buist M., *Verbal Aspect in New Testament Greek* (Oxford: Clarendon, 1990), p. 386; WALLACE, *Greek Grammar Beyond the Basics*, p. 643-644.

⁸⁰ ROGERS, *The Great Commission*, p. 259-260, 262.

Em sua análise dos exemplos encontrados em Mateus de participípios aoristos com força imperativa, Rogers chama a atenção para duas características importantes desse uso. A primeira característica é que quando participípios aoristos são postos junto a imperativos aoristos eles adicionam urgência ao verbo principal. Um exemplo claro é a ordem secreta de Herodes aos magos em Mateus 2.8: πορευθέντες ἐξετάσατε ἀκριβῶς περὶ τοῦ παιδίου ... Nesse exemplo, a cláusula introdutória no verso 8 (καὶ πέμψας αὐτοὺς εἰς Βηθλέεμ) indica que era necessário viajar e o verso 9 reporta que os magos foram (οἱ δὲ ἀκούσαντες τοῦ βασιλέως ἐπορεύθησαν). A segunda característica é que participípios aoristos postos junto a imperativos aoristos se referem a tarefas específicas necessárias ao cumprimento do imperativo. Por exemplo, no mandamento de Jesus aos discípulos em Mateus 21.2 (Aland 269), λύσαντες ἀγάγετέ μοι, o participípio aoristo λύσαντες claramente se refere ao ato necessário e preparatório para cumprir o mandamento de Jesus ἀγάγετέ μοι. A força imperativa do participípio aoristo λύσαντες em Mateus 21.2 é corroborada pelo fato de que a passagem paralela, Marcos 11.2, emprega um imperativo duplo: λύσατε αὐτὸν καὶ φέρετε.⁸¹

A evidência acima leva Rogers a inferir que o participípio aoristo πορευθέντες em Mateus 28.19 também tem uma força imperativa.⁸² Com base nessa inferência, Rogers faz a seguinte conclusão desafiadora:

Ao se aplicar esses princípios na passagem de Mateus 28.19 parece que *há* um mandamento para ir. Sem ir, o fazer discípulos não é possível, especialmente quando o objetivo é “todas as nações”.⁸³

Além disso, ele previne:

O participípio não deve ser enfraquecido como uma opção secundária que não é tão importante. O aspecto de aoristo torna o mandamento definido e urgente. Não é “caso você esteja indo” ou “onde quer que você esteja”, mas sim “vá e faça algo”. Isto não deve ser tomado exclusivamente no sentido de ir a um país estrangeiro. A ênfase é na natureza universal da tarefa – uma atividade global que envolve tanto o país natal quanto os países estrangeiros.⁸⁴

A segunda explicação da função sintática do participípio aoristo πορευθέντες em Mateus 28.19 é semelhante à interpretação de Morison e Grosheide.

⁸¹ Para um fenômeno semelhante, compare Mt 28.7 (καὶ ταχὺ πορευθεῖσαι εἶπατε τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ) com Mc 16.7 (ἀλλὰ ὑπάγετε εἶπατε τοῖς μαθηταῖς αὐτοῦ).

⁸² ROGERS, *The Great Commission*, p. 262. Cf. FANNING, *Verbal Aspect*, p. 386; KIRSCHNER, *Mateus 28.18-20*, p. 41.

⁸³ ROGERS, *The Great Commission*, p. 262.

⁸⁴ *Ibid.*

Ela vem da pena de Gerhard Friedrich. Num artigo extenso e perspicaz sobre Mateus 28.16-20, Friedrich critica especificamente a posição de Malina.⁸⁵ Ele sugere, primeiramente, que Malina tem que erradicar a proeminência do particípio aoristo πορευθέντες em Mateus 28.19 para transformar esse texto em um princípio genericamente compulsório.⁸⁶ Friedrich argumenta depois que o verbo πορεύομαι ocorre 29 vezes no Evangelho de Mateus e, portanto, tem um papel muito importante para ser relegado a segundo plano.⁸⁷ Além disso, em nítido contraste com Bosch e em concordância com Rogers, Friedrich interpreta a explicação de Schlatter do uso característico em Mateus do particípio aoristo seguido por um verbo indicativo ou imperativo aoristo no sentido de que o particípio aoristo denota uma ação preparatória que é necessária para completar o segundo ato.⁸⁸ Não é, portanto, redundante.

Essas duas explicações encontraram lugar numa tradução bíblica⁸⁹ e em comentários mais recentes sobre o Evangelho de Mateus.⁹⁰ O argumento de Friedrich, por exemplo, é aceito por Donald A. Hagner em seu comentário *Mateus 14-28*. Contra o argumento de Malina de que falta ao particípio aoristo πορευθέντες um objeto direto, Hagner assevera que ele está implícito no verbo principal.⁹¹ Todavia, ele vai além de Friedrich, afirmando que todos os três particípios deveriam ser traduzidos como imperativos: “Vão... batizem... e ensinem...”⁹²

Contra a tradução do particípio aoristo πορευθέντες proposta por Culver, e contra a implicação possível nessa tradução de que “não é preciso cruzar fronteiras

⁸⁵ FRIEDRICH, *Die formale Struktur*, p. 153-154.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 153.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 154, 174.

⁸⁸ FRIEDRICH, *Die formale Struktur*, p. 154. Significativamente, essa posição é semelhante à defendida por Grosheide em 1922!

⁸⁹ Ver também a nota 27 na *New English Translation Bible* (<http://net.bible.org>).

⁹⁰ Ver também Köstenberger e Peter T. O'Brien, *Salvation to the Ends of the Earth*. Na p. 104 eles concordam que o particípio πορευθέντες funciona como “um auxiliar que reforça a ação do verbo principal”. Na nota 66 eles também observam que a posição de Culver é muito extremada. Mesmo assim, nessa nota eles dão pouca ênfase ao particípio πορευθέντες.

⁹¹ HAGNER, *Matthew 14-28*, p. 886. Ver também: MORRIS, Leon. *The Gospel According to Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p. 746, n. 30; LUZ, *Matthew 21-28*, p. 625.

⁹² HAGNER, *Matthew 14-28*, p. 880 e 886. Aliado a isto, deve-se notar que Malina (*Structure and Form*, p. 90) também traduz o segundo e o terceiro particípios como imperativos. Barclay M. Newman e Philip C. Stine (*A Translator's Handbook on the Gospel of Matthew*, *Helps for Translators*; Londres: United Bible Societies, 1988, p. 913) concordam que particípios dependentes de um verbo principal podem “assumir a força de um imperativo”. Eles também informam que a TEV e diversas outras versões modernas traduzem todas as quatro formas verbais de Mt 28.19 como imperativos. Mais recentemente esta posição também foi adotada por HERTIG, Paul, *The Great Commission Revisited: The Role of God's Reign in Disciple Making*, *Missiology: An International Review*, 39 (2001), p. 346, e por DAY, Dan, *A Fresh Reading of Jesus' Last Words: Matthew 28.16-20*, *Review and Expositor* 104 (2007), p. 378.

culturais para cumprir” a Grande Comissão, Craig S. Keener opta pela explicação de Rogers em seu comentário sobre o Evangelho de Mateus.⁹³ Com base numa expressão semelhante em Mateus 10.7, ele conclui que “devemos ainda considerar o cruzar fronteiras culturais como uma parte integral da comissão”.⁹⁴

A exposição feita demonstra que as interpretações eruditas da função sintática e do significado do particípio aoristo πορευθέντες em Mateus 28.19 influenciaram ao longo do tempo a compreensão da igreja sobre sua missão. Observou-se que os representantes da primeira posição preferem a tradução imperativa do particípio πορευθέντες e, em consequência disso, enfatizam muito o “ir” e pouco o “fazer discípulos”. Os defensores da segunda posição buscaram corrigir essa ênfase exagerada em “ir” traduzindo o particípio de um modo temporal, suavizando a ênfase no “ir” e concentrando toda a atenção no mandamento de “fazer discípulos”. Os partidários da terceira posição minimizaram o “ir” ao ponto de ter perdido o seu valor. Para restaurar o equilíbrio apropriado, os proponentes da quarta visão desejam restaurar o “ir” como parte integral do mandamento de “fazer discípulos”. Em certo sentido, pode-se dizer que o debate voltou ao seu ponto inicial, mas com correções significativas.

3. “IR” E “FAZER DISCÍPULOS”: UMA DEFESA COMPLEMENTAR

Creemos que a quarta posição merece maior consideração por parte da igreja. Seis razões apóiam essa convicção.

Em primeiro lugar, ela faz justiça à importante função teológica do verbo πορεύομαι, não apenas no Evangelho de Mateus como um todo, mas especialmente em Mateus 28. Das 29 ocorrências desse verbo no Evangelho de Mateus, quatro acontecem nesse capítulo decisivo: 28.7, 11, 16 e 19. Sugerimos que há um movimento progressivo nessas repetições que alcança seu auge em 28.19. Conforme as instruções entregues pelas mulheres, os discípulos foram ao monte⁹⁵ na Galiléia onde Jesus começara a ensinar uma grande multidão de seguidores (Mt 5.1-2), que incluía gentios (Mt 4.25). Dali os discípulos foram comissionados a ir e fazer discípulos de todas as nações.

⁹³ KEENER, *Matthew*, p. 400; idem, *A Commentary on the Gospel of Matthew*, p. 718.

⁹⁴ KEENER, *Matthew*, p. 400-401. Para uma posição semelhante, ver ULRICH, Daniel W. *The Missional Audience of the Gospel of Matthew*, *CBQ* 69 (2007), p. 71. Conforme Ulrich, “os particípios πορευόμενοι em 10.7 e πορευθέντες em 28.19 reconhecem que viajar era um modo necessário pelo qual os arautos cumpriam seu papel.”

⁹⁵ Convém observar que no Evangelho de Mateus as revelações especiais sempre acontecem num monte. Ver, por exemplo: Mt 4.8 (tentação); 5.1 (Sermão do Monte); 14.23 (local de oração); 15.29-31 (local da multiplicação dos pães); 17.1 (transfiguração) e 24.3 (local do discurso escatológico). Ver BOSCH, *The Structure of Mission*, p. 227; HAHN, Ferdinand, *Der Sendungsauftrag des Auferstandenen. Matthäus 28, 16-20*, in: *Fides pro mundi vita: Missionstheologie heute*. Hans-Werner Gensichen zum 65. Geburtstag (Gerd Mohn: Gütersloher Verlagshaus, 1980), p. 29; DONALDSON, *Jesus on the Mountain*, p. 170-190.

Em segundo lugar, a Grande Comissão é formalmente semelhante ao comissionamento, por Deus, de pessoas para tarefas específicas no Antigo Testamento, especialmente os profetas.⁹⁶ Nessas comissões divinas, o verbo קָבַץ tem uma presença importante.⁹⁷ Significativamente, Mateus emprega o verbo πορεύομαι na comissão de Jesus aos discípulos em Mateus 10.6 e 28.19.

Em terceiro lugar, pelas razões acima concordamos com Rogers no sentido de que o particípio πορευθέντες em Mateus 28.19 tem uma função preparatória e comunica urgência à importante tarefa à mão. Em nítido contraste com a comissão anterior em Mateus 10.6, os discípulos devem agora começar urgentemente a “fazer discípulos de todas as nações”.⁹⁸ Para comunicar esse senso de urgência, pode-se adotar a tradução de Frederick Dale Brunner: “Mexam-se!”⁹⁹

Portanto, em vista do acima exposto, a razão para essa urgência em Mateus 28.19 não é, como Wallace sugere, o fato histórico de que os apóstolos “não saíram de Jerusalém até depois do martírio de Estevão”.¹⁰⁰ De fato, o contexto imediato de Mateus 28.18 sugere outra razão para a urgência. A repetição do verbo διδάσκω em Mateus 28.15 e 20 sugere que a urgência é devida pelo menos em parte ao fato de que os principais sacerdotes e anciãos instruíram os guardas a circular uma explicação falsa da ressurreição de Jesus. Esse “ensino” fraudulento contrasta fortemente com “tudo que eu vos ensinei”, que os discípulos devem ensinar ao fazer discípulos.¹⁰¹

Em quarto lugar, a repetição do verbo πορεύομαι em 10.6-7 e 22.9 confirma a declaração de Blauw de que o particípio aoristo com força imperativa πορευθέντες em Mateus 28.19 marca a abolição da reserva feita aos discípulos no mandado missionário de Jesus em Mateus 10.6-8. Além disso, como Hendrickx¹⁰² e Lange¹⁰³ observaram corretamente, ele também marca

⁹⁶ HUBBARD, *Matthean Redaction*, p. 83. SENIOR e STUHLMUELLER (The Mission Theology of Matthew, p. 254, n. 27; em português: *Os fundamentos*, p. 343, n. 27) também adotam a posição de Hubbard.

⁹⁷ HUBBARD, *Matthean Redaction*, p. 67. É interessante que em 2Reis 1.3 a LXX traduz os imperativos hebraicos קָבַץ e קָבַץ com a mesma estrutura sintática de Mateus 28.19, Ἀναστὰς δεῦρο (aoristo particípio + imperativo).

⁹⁸ Interpretamos o imperativo aoristo μαθητεύσατε como um ingressivo. Conforme BDF §338(1), um imperativo aoristo “pode expressar a aparição de conduta que se contrasta com uma conduta anterior; nesse caso é ingressiva”. GAECHTER (*Matthäus*, p. 965, n. 21) interpreta esse verbo como um aoristo efetivo (cf. BDF §338[2]).

⁹⁹ BRUNER, Frederick Dale. *Matthew: A Commentary*. Rev. and exp. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, 2:815.

¹⁰⁰ WALLACE, *Greek Grammar beyond the Basics*, p. 645.

¹⁰¹ GUNDRY, *Matthew*, p. 597.

¹⁰² HENDRICKX, *Resurrection Narratives*, p. 55.

¹⁰³ LANGE, Joachim. *Das Erscheinen des Auferstandenen im Evangelium nach Matthäus: Eine traditions- und redaktions-geschichtliche Untersuchung zu Mt 28,16-20*. Forschung zur Bibel 11. Wurzburg: Echter Verlag, 1973, p. 306.

o cumprimento do mandamento em 22.9 (Aland 279), πορεύεσθε οὖν ἐπὶ τὰς διεξόδους τῶν ὁδῶν καὶ ὅσους ἐὰν εὔρητε καλέσατε εἰς τοὺς γάμους. Portanto, em Mateus 28.19 o particípio aoristo πορευθέντες denota verdadeiramente, como Lange afirma, um “enviar”.¹⁰⁴

Em quinto lugar, o uso teologicamente significativo do verbo πορεύομαι em Mateus 10.6-7 e 22.8 também ratifica a declaração de Rogers de que o particípio aoristo πορευθέντες em Mateus 28.19 constitui uma parte integral de fazer discípulos.¹⁰⁵ Por esse motivo, deve-se dar a devida ênfase ao aspecto de “ir” no fazer discípulos. Hendriksen resume as implicações práticas de “ir” da seguinte maneira:

“Ir” também implica que os discípulos – e isto vale para os filhos de Deus em geral – não devem concentrar todo o seu pensamento em “vir” à Igreja. Eles também devem “ir” para levar as preciosas novas a outros.¹⁰⁶

Em sexto lugar, a explicação de Rogers para a sintaxe também dá o devido peso ao verbo principal μαθητεύσατε, que constitui o foco primário da Grande Comissão. Isto é importante porque, como demonstra uma comparação sinótica com a comissão de Jesus aos onze na versão mais longa de Marcos 16.15-18, esse verbo representa uma substituição essencial. Em vez de “pregai o evangelho” como em Marcos 16.15, Mateus 28.19 tem “fazei discípulos”,¹⁰⁷ a única ocorrência do imperativo do verbo μαθητεύω no Novo Testamento. Em conexão com essa substituição marcante, também é importante observar que a ordem de fazer discípulos em Mateus 28.19 substitui a ordem de pregar que o reino está próximo em Mateus 10.7.

Esta importante mudança mostra a centralidade do discipulado no Evangelho de Mateus¹⁰⁸ e significa, em primeiro lugar, que, assim como os onze foram discipulados por Jesus, eles também devem apresentar outros ao Mestre (Mt 23.8,10).¹⁰⁹ Uma vez que esse mandamento abrangente foi dirigido aos discípu-

¹⁰⁴ LANGE, *Das Erscheinen*, p. 306.

¹⁰⁵ ROGERS, *The Great Commission*, p. 266.

¹⁰⁶ HENDRIKSEN, *Matthew*, p. 999.

¹⁰⁷ Para essa substituição significativa ver também BARTH, Karl, *Church Dogmatics*, IV/4, p. 95-96. A substituição ganha importância uma vez que se reconhece que a expressão κηρύξατε τὸ εὐαγγέλιον é usada por Mateus em 24.14 (καὶ κηρυχθήσεται τοῦτο τὸ εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας ἐν ὅλῃ τῇ οἰκουμένῃ εἰς μαρτύριον πᾶσιν τοῖς ἔθνεσιν) e 26.13 (ὅπου ἐὰν κηρυχθῇ τὸ εὐαγγέλιον τοῦτο ἐν ὅλῳ τῷ κόσμῳ).

¹⁰⁸ Nos evangelhos, o verbo μαθητεύω encontra-se apenas em Mateus: 13.52; 27.57 e 28.19. Ver também At 14.21. Ademais, nos evangelhos sinóticos o substantivo μαθητῆς encontra-se 72 vezes em Mateus, 46 vezes em Marcos e 37 vezes em Lucas.

¹⁰⁹ Ver DAY, *A Fresh Reading of Jesus' Last Words*, p. 379; HERRERO, Francisco Pérez, *Mission Following the Missionary Mandate of the Risen Christ*, *International Review of Mission* 95 (2006), p. 308-309.

los, e não aos apóstolos, requer-se de cada discípulo de Jesus que duplique a si mesmo. Trata-se de um processo dinâmico que implica em multiplicação. Além disso, como Robert H. Gundry observou corretamente, o uso de μαθητεύσατε no verso 19 “equipara evangelismo com aprender a lei de Jesus (v. 20)”.¹¹⁰

A conexão proposta por Gundry entre o mandamento de “fazer discípulos” e aprender a lei de Jesus é corroborada por outra marcante substituição de Mateus em comparação com Marcos. Marcos 16.16 também se refere a batismo, mas não a ensino! Em lugar de ensino, Marcos 16.17-18 se refere aos exorcismos, dom de línguas e milagres que irão acompanhar os crentes. Todavia, Mateus 28.19-20a não faz tal referência!¹¹¹ Mateus 7.21 sugere que expulsar demônios e realizar milagres não qualificam para ingressar no Reino. É mais importante fazer a vontade do Pai (Mt 7.20). Portanto, ao invés de sinais miraculosos, Mateus adiciona a tarefa mais importante de ensinar: διδάσκοντες αὐτοὺς τηρεῖν πάντα ὅσα ἐνετειλάμην ὑμῖν¹¹² no verso 20.¹¹³ Como foi observado atrás, esse ensino contrasta fortemente com o “ensino enganador espalhado pelos principais sacerdotes e anciãos (v. 15)”.¹¹⁴

As duas importantes modificações de Mateus citadas acima sugerem que ele estava tentando corrigir tanto uma prática missionária entusiástica do tipo carismático,¹¹⁵ assim como tendências antinomistas.¹¹⁶ De fato, Gundry afirma que o acréscimo de “ensino” feito por Mateus indica o seu “ataque final e enfático contra o antinomismo”.¹¹⁷

¹¹⁰ GUNDRY, Robert H. *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982, p. 596.

¹¹¹ Para essa omissão, ver também BORNKAMM, Günther. *The Risen Lord and the Earthly Jesus: Matthew 28.16-20*. In: ROBINSON, James M. (Org.). *The Future of Our Religious Past: Essays in Honour of Rudolf Bultmann*. Trad. Charles E. Carlston e Robert P. Scherlemann. Nova York: Harper & Row, 1971, p. 203.

¹¹² Curiosamente, as palavras πάντα ὅσα ἐνετειλάμην ὑμῖν se encontram exatamente iguais em Js 22.2! Ademais, encontram-se frases semelhantes em Dt 11.28; 31.5, 29. Com base nesses textos, Dale C. Allison Jr. (*The New Moses: A Matthean Typology* [Minneapolis: Fortress, 1993], p. 263) sugere que Jesus é o novo e melhor Moisés. Cf. HUBBARD, *Matthean Redaction*, p. 151-75; SPARKS, Kenton L. *Gospel as Conquest: Mosaic Typology in Matthew 28.16-20*, *CBQ* 68 (2006), p. 660.

¹¹³ Para a conexão entre o mandamento de “fazer discípulos” e a tarefa de “ensinar”, ver também BARTH, Karl. *Church Dogmatics*, IV/4, p. 96. Bornkamm (*The Risen Lord and the Earthly Jesus*, 222) chama a atenção para o fato de que nessa formulação “a mensagem de Jesus como um todo é concebida como o mandamento de Jesus” e para o fato de que “isto é falado em termos do passado: ‘que eu vos mandei’”.

¹¹⁴ GUNDRY, *Matthew*, p. 597.

¹¹⁵ BOSCH, *Transforming Mission*, p. 66.

¹¹⁶ Para a oposição de Mateus ao entusiasmo helênico e ao antinomismo em Mt 28.19-20, ver BORNKAMM, *The Risen Lord and the Earthly Jesus*, p. 203-229. Quanto aos antinomistas em Mateus, ver também BARTH, Gerhard. *Matthew’s Understanding of the Law*. In: BORNKAMM, Günther et al. *Tradition and Interpretation in Matthew*. Filadélfia: Westminster, 1963, p. 159-164.

¹¹⁷ GUNDRY, *Matthew*, p. 597. Com respeito a essa questão, é importante reconhecer que nos evangelhos o substantivo ἀνομία encontra-se somente no Evangelho de Mateus: 7.21; 13.41; 23.28 e 24.12.

4. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA MISSIONÁRIA

Creemos que essa correção feita por Mateus é ainda apropriada para a prática missionária da igreja hoje. Quatro conseqüências práticas da “correção” de Mateus são sugeridas quanto à responsabilidade constante da igreja de fazer discípulos das nações.

A primeira conseqüência prática da “correção” de Mateus em 28.20a se refere ao discipulador. A semelhança entre as afirmações paralelas de autoridade universal em Mateus 11.27 e 28.18 indica que também é preciso comparar o Grande Convite em Mateus 11.28-30 com a Grande Comissão em Mateus 28.19-20. Tal comparação sugere que, como Hendriksen sublinhou, os discípulos “não podem ‘ir’ se não tiverem primeiramente ‘vindo’, nem se não permanecerem vindo assim como indo”.¹¹⁸ Antes de “ir”, eles precisam tomar sobre si o jugo do reino, de forma a aprender de Jesus, o humilde, enquanto andam juntos.¹¹⁹ Discípulos não podem ensinar outros se não tiverem primeiramente aprendido do Senhor.¹²⁰ Com efeito, como escrevem Köstenberger e O’Brien, “o discipulado bem sucedido pressupõe um discipulado comprometido dos próprios discipuladores”.¹²¹

A segunda conseqüência prática se refere ao conteúdo do ensinar os novos discípulos a porem em prática os mandamentos de Jesus. Quais são esses mandamentos? Günther Bornkamm responde essa questão crucial assim:

O conteúdo desses “mandamentos” de Jesus não pode ser algo mais que seu chamado à justiça que excede a dos escribas e fariseus, a justiça sem a qual ninguém pode entrar no Reino dos Céus. E o que isto implica é a Vontade de Deus, proclamada na Lei e nos Profetas, realizada e posta em prática com autoridade no ensino de Jesus, e resumida no mandamento do amor.¹²²

¹¹⁸ HENDRIKSEN, *Matthew*, p. 999.

¹¹⁹ Para essa conexão entre Mt 28.19-20 e Mt 11.29, ver também KÖSTENBERGER e O’BRIEN, *Salvation to the Ends of the Earth*, p. 104.

¹²⁰ Nesse sentido também é importante chamar a atenção para a observação de J. C. Fenton (*Saint Matthew* [Westminster Pelican Commentaries; Filadélfia: Westminster, 1963], p. 453) de que “a obra de Jesus foi descrita como *ensinar*, *pregar* e *curar* em 4.23, 9.35; ele ordenou que os discípulos *curassem* em 10.9, 8 e *pregassem* em 10.7; a ordem de *ensinar* foi reservada para o final do evangelho...”. John R. Meier (*Matthew* [New Testament Message 3; Wilmington: Michael Glazier, 1980], p. 372) também nota a omissão do ensino no cap. 10. Ele opina que “apenas depois de Jesus ter completado seu ensino e apenas depois da nova era ter sido inaugurada é que Jesus envia seus discípulos a ensinar”. SENIOR e STUHLMUELLER (*The Mission Theology of Matthew*, p. 251 [em português: *Os fundamentos*, p. 342]) dão uma explicação semelhante: “Mateus reserva essa função fundamental para o encargo final (28.20), uma vez que na narrativa do Evangelho, a totalidade dos grandes discursos de Jesus ainda não fora manifestada aos discípulos”. Ver também HERRERO, *Missions Following the Missionary Mandate of the Risen Christ*, p. 310.

¹²¹ KÖSTENBERGER e O’BRIEN, *Salvation to the Ends of the Earth*, p. 104.

¹²² BORNKAMM, *The Risen Lord and the Earthly Jesus: Matthew 28.16-20*, p. 224.

À luz da primeira afirmação, fica claro, então, que se deve ensinar aos novos discípulos que ser um discípulo de Jesus significa, acima de tudo, buscar a justiça de Deus conforme articulada nos ensinamentos de Jesus (Mt 6.33). À luz da segunda frase, os ensinamentos de Jesus acerca da justiça de Deus se baseiam na vontade de Deus revelada na Lei e nos Profetas, os quais Jesus veio para cumprir (Mt 5.17).

Bosch também é da opinião de que os mandamentos de Jesus representam “a vontade do Pai”.¹²³ Ele observa que essa expressão é típica de Mateus (7.21; 12.50)¹²⁴ e que Mateus salienta a centralidade da vontade de Deus para Jesus e os discípulos. Por exemplo, somente a versão da oração dominical de Mateus tem a petição “seja feita a tua vontade” (Mt 6.10). Significativamente, essa oração está no centro do Sermão do Monte.¹²⁵

A terceira consequência prática envolve o modo pelo qual os mandamentos de Jesus devem ser ensinados. Em conexão com esse importante assunto, chamamos atenção ao pertinente comentário de Bosch:

Além do mais, ensinar não envolve meramente inculcar os preceitos da Lei e obedecê-los, tal como o judaísmo contemporâneo o interpretava... Não, o que os apóstolos deviam “ensinar” aos novos discípulos de acordo com Mateus 28.20 era a se submeterem à vontade de Deus como revelada no ministério e ensino de Jesus. Não há evangelho que possa se distanciar do Jesus terreno em um entusiasmo do Espírito. Suas instruções permanecem válidas e normativas, e isto também vale para o futuro.¹²⁶

Para pôr isso em prática, os discipuladores farão bem em ensinar aos novos discípulos os cinco discursos de Jesus no evangelho de Mateus, começando, é claro, com o Sermão da Montanha.¹²⁷ Estes discursos devem ser ensinados

¹²³ BOSCH, *Transforming Mission*, p. 66.

¹²⁴ Ver também Mt 6.10; 18.14; 21.31; 26.42.

¹²⁵ BOSCH, *Transforming Mission*, p. 66.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 66-67.

¹²⁷ Para essa sugestão, ver também KVALBEIN, Hans, *Go therefore and make disciples... The concept of discipleship in the New Testament*, *Themelios* 13 (1988), p. 52; BOSCH, *Transforming Mission*, p. 67; DAY, *A Fresh Reading of Jesus' Last Words*, p. 380; KRENTZ, *Make Disciples*, p. 35; HERRERO, *Missions Following the Missionary Mandate of the Risen Christ*, p. 310; BYRNE, Brendan, *Lifting the Burden: Reading Matthew's Gospel in the Church Today* (Collegeville: Liturgical Press, 2004), p. 228. Essa sugestão não quer dizer que o discipulador deva excluir de seu ensino as seções narrativas do Evangelho de Mateus. Pelo contrário! A inclusão de Mt 4.23 e 9.35 mostra claramente que os capítulos 5.1-9.34 formam uma unidade. Ademais, a estrutura de composição de Mateus 8-9, por exemplo, sugere que esses capítulos são um material excelente para o discipulado. As narrativas de milagres nesses capítulos estão organizadas em grupos de 3 milagres, com unidades didáticas sobre discipulado separando cada grupo. Cf. VAN ELDEREN, Bastiaan, *The Sources in Mt 8 and 9* (apostila de aula); THOMPSON, William G. *Reflections on the Composition of Mt 8.1-9.34*, *CBQ* 33 (1971): 365-388; KINGSBURY,

não apenas àqueles que já são discípulos, mas também às multidões, como fez Jesus (Mt 4.23-25).¹²⁸

A quarta conseqüência prática se refere ao relacionamento entre o discipulado e o Decálogo. Em 1989, William Carl III escreveu um estimulante artigo intitulado “O Decálogo na liturgia, pregação e vida”, no qual lamenta o fato desconcertante de que a leitura do Decálogo na liturgia caiu em desuso.¹²⁹ Ele lembra que Calvino posicionou a leitura do Decálogo imediatamente após a afirmação do perdão “como um guia para a nova vida dos cristãos perdoados”.¹³⁰ Infelizmente, contudo, em pouco mais de uma década essa prática foi suprimida da maior parte das liturgias.¹³¹ Em sua opinião, uma possível razão para esse desaparecimento do Decálogo das liturgias das igrejas calvinistas é que os mandamentos são considerados pouco amistosos para os que buscam a Deus.¹³² Outra razão é que não se quer ofender os freqüentadores hedonistas que não desejam ser lembrados do que Deus requer.

Se esse é o caso, então há um mau entendimento da função da Lei. Conforme Mateus 5.19, “todo aquele que praticar e ensinar” os mandamentos da Lei “será chamado grande no Reino de Deus”. Com base na sua análise da função da Lei no Evangelho de Mateus, David E. Holwerda afirma que a Lei é um ímpeto para a missão.¹³³

Esse aspecto missionário da Lei é claramente expresso em Deuteronômio 4.6-8. Conforme esse texto crucial, a tarefa central de Israel na terra prometida era encarnar os princípios de justiça da graciosa lei de Deus, de tal forma que as nações que passassem por esse território estrategicamente localizado reconhecessem a justiça incorporada na constituição de Israel. Essa lei lhes fora dada pelo Senhor em sua graça para garantir a recentemente adquirida liberdade das leis opressivas do Faraó.¹³⁴ Israel falhou miseravelmente nessa importante tarefa. Contudo, Jesus, o representante corporativo de Israel (Mt 2.15) e Servo do Senhor ungido pelo Espírito (Mt 3.17; cf. Is 42.1-4), cumpriu

Jack Dean. Observations on “Miracle Chapters” of Matthew 8-9, *CBQ* 40 (1978): 559-573; HEIL, John Paul, Significant Aspects of the Healing Miracles in Matthew, *CBQ* 41 (1979): 274-287.

¹²⁸ Cf. HOLWERDA, David E. *Jesus & Israel: One Covenant or Two?* Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p. 141 (publicado em português como *Jesus e Israel: uma aliança ou duas?* São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 109).

¹²⁹ CARL III, William J. The Decalogue in Liturgy, Preaching, and Life. *Interpretation* 43 (1989): 267-281.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 271.

¹³¹ *Ibid.*, p. 273.

¹³² *Ibid.*, p. 274.

¹³³ HOLWERDA, *Israel & Jesus*, p. 137-145 (em português, p. 106-112).

¹³⁴ Para a tarefa missionária de Israel frente às nações em Dt 4.5-8, ver: RIDDERBOS, Jan. *Deuteronomy*. Bible Student’s Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1984, p. 83.

a Lei para trazer justiça aos gentios. Em sua capacidade como Servo do Senhor (cf. Mt 12.18-21), Jesus comissionou seus discípulos para ensinarem a todas as nações o que ele lhes ensinara, de forma a cumprir a missão do Servo (Is 42.1-4) de trazê-las à justiça do Reino. Nesse sentido, a observação de Holwerda a seguir é importante para um entendimento correto da relação entre a pregação do Evangelho e o ensino da Lei:

O evangelho do reino não se limita a um anúncio dos eventos salvíficos centrais com o fim de fazer surgir o arrependimento e a fé. Inclui também ensinar às nações a justiça estruturada do reino de Deus.¹³⁵

Com base nessa observação, pode-se concluir com Holwerda que “o discipulado autêntico impõe necessariamente a prática da justiça expressa na lei, uma justiça arraigada na própria criação”.¹³⁶ Portanto, uma correta compreensão da função “missionária” da Lei deveria impulsionar a igreja para a missão.¹³⁷

De fato, ao ir a todas as nações com o propósito de lhes ensinar tudo o que Jesus ordenou para ser obedecido, a igreja está cumprindo Isaías 2.2-3.¹³⁸ Dessa forma a *Torá* e a palavra do Senhor estarão saindo de Sião (Is 2.3; 51.4),¹³⁹ a fim de atrair magneticamente “todas as nações” para subirem ao monte do Senhor para o palácio real do Deus de Jacó (Is 2.2), a sede das Nações Unidas do Senhor. Ali o Senhor administrará verdadeira justiça entre as nações, tendo como resultado que não aprenderão mais a guerrear (Is 2.4).¹⁴⁰

¹³⁵ HOLWERDA, *Jesus & Israel*, p. 141 (em português, p. 109). Com base numa citação de Dietrich Bonhoeffer (*The Cost of Discipleship*, Nova York: Macmillan, 1963, p. 63), Carl (The Decalogue in Liturgy, p. 280) afirma que “em Cristo somos libertados para viver uma nova vida em que graça e mandamento se tornam um; quando somos chamados a seguir a Cristo, somos convocados para uma conexão exclusiva com sua pessoa. A graça de seu chamado queima todos os laços do legalismo. É uma chamada graciosa, um mandamento gracioso. Isto transcende a diferença entre a lei e o evangelho. Cristo chama, o discípulo segue; isto é graça e mandamento como um só. ‘Andarei livremente, pois eu busco teus mandamentos’ (Sl 119.45)”.

¹³⁶ HOLWERDA, *Jesus & Israel*, p. 145 (em português, p. 112).

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ Para a ligação temática entre Is 2.2-4 e Mt 28.16-20, ver também: DONALDSON, *Jesus on the Mountain*, p. 183-184; GARLAND, David E. *Reading Matthew: A Literary and Theological Commentary on the First Gospel*. Reading the New Testament Series. Nova York: Crossroads, 1993, p. 267-268. Donaldson baseia a sua proposta no fato de que o substantivo ὄρος e a expressão πάντα τὰ ἔθνη encontram-se nas duas passagens.

¹³⁹ A nosso ver, Donaldson (*Jesus on the Mountain*, p. 184) minimiza desnecessariamente a ênfase no participio aoristo πορευθέντες para justificar a conexão temática entre Is 2.2-4 e Mt 28.16-20.

¹⁴⁰ Conforme Donaldson (*Jesus on the Mountain*, p. 202), Mateus empregou o cenário de Jesus na montanha em sua cristologia como um veículo para transferir para Jesus tudo o que o Antigo Testamento esperava de Sião. Portanto, como bem observou Garland (*Reading Matthew*, p. 268), Mateus altera radicalmente a esperança de Is 2.2-4. Por exemplo, não se encontra uma referência ao templo em Mt 28.16-20 porque, conforme Mt 12.6, Jesus é maior que o templo e porque o templo seria destruído (Mt 23.38; 24.2).

Em conclusão, como alguém que “foi” quando Greenway era o secretário da Igreja Cristã Reformada da América do Norte (CRCNA) para Missões na América Latina, devo confessar que me senti rodeado por uma forte ênfase no discipulado como o conceito de missão no Brasil. Agências missionárias como o SEPAL inculcavam nos pastores-evangelistas que nossa tarefa era discipular. Houve necessidade de uma série de palestras de Paul Pierson, em 1984, sobre os fundamentos da missão no Antigo Testamento para despertar o atual interesse das igrejas brasileiras por missões transculturais. Como resultado dessas palestras, as igrejas brasileiras são parte do crescente envolvimento das igrejas do terceiro mundo com o esforço de discipular as nações. Precisávamos ouvir o “ide”. Hoje a incumbência da igreja é obedecer as ordens de Cristo no sentido de marchar, especialmente em vista das alarmantes incursões islâmicas em países tradicionalmente considerados cristãos.

Essa incumbência certamente se aplica à América Latina, e especialmente ao Brasil, onde as igrejas presbiterianas estão celebrando o sesquicentenário da chegada do missionário norte-americano Ashbel Green Simonton (1833-1867), em 12 de agosto de 1859, para evangelizar o povo brasileiro. A razão pela qual essa incumbência é urgente é que nos países da América Latina muitos preferem uma abordagem legalista da religião e o sincretismo prevalece. O islamismo oferece ambos, pois representa um sistema legalista que oferece todos os prazeres carnis do paraíso em troca da guarda dos Cinco Pilares. Como tal, assemelha-se a um “evangelho da prosperidade”. Ademais, o islamismo popular aceita toda espécie de espiritismo local. Convenientemente, o islamismo oferece certo suporte teológico para o espiritismo, fazendo-o parecer respeitável.¹⁴¹ Isto faz com que o islamismo se torne muito atraente, especialmente na África, mas também na América Latina. Nesse continente, o espiritismo predomina em muitas regiões, seja de origem africana como no Brasil, ou de origem indígena, que está ressurgindo, por exemplo, na Bolívia. Por isso, estrategistas muçulmanos de missões consideram a América Latina pronta para a colheita. Conseqüentemente, em obediência à ordem do Jesus ressurreto, as igrejas da América Latina devem urgentemente fazer discípulos nos seus próprios países, mas também devem ir para a Europa, a América do Norte e especialmente para países predominantemente muçulmanos, a fim de fazerem discípulos ali.

ABSTRACT

The ways in which the Great Commission of Matt. 28:19 is translated and interpreted has produced various understandings about the mission of

¹⁴¹ Para esse tópico, ver ZWEMER, Samuel Marinus. *The Influence of Animism on Islam: An Account of Popular Superstitions*. Nova York: MacMillan, 1920. Consultar também: GREENWAY, Roger S. (Org.). *Islam and the Cross. Selections from "The Apostle to Islam"*. Phillipsburg: Presbyterian & Reformed, 2002.

the church. This article seeks to investigate the verbs in the famous passage, especially the controversial participle *poreuthentes* (lit. “going”) and the imperative *matheteusate* (“make disciples”). The research of exegetical positions reveals four attitudes towards these verbs: strong emphasis on the participle, translated as an imperative (“go”); greater emphasis in “make disciples”; full subordination of “going”, which becomes essentially irrelevant; equal emphasis on both concepts. Due to theological and exegetical reasons, the author defends the last position, seeking to demonstrate that “going” is an integral part of the command to make disciples. He also points out two modifications made by Matthew in comparison to the parallel text of Mark (“make disciples” instead of “preach the gospel” and the emphasis on teaching as opposed to exorcisms and miracles). He argues that Matthew is trying to correct missionary practices of the enthusiastic or charismatic type, as well as antinomian tendencies. Bosma concludes his article with some considerations about Latin America and Brazil. He stresses the importance of both local discipleship (“make disciples”, “teaching”) and crosscultural missions (“going”), particularly in view of growing Islamic expansion.

KEYWORDS

Great Commission; Gospel of Matthew; Mission of the church; Discipleship; Crosscultural missions.